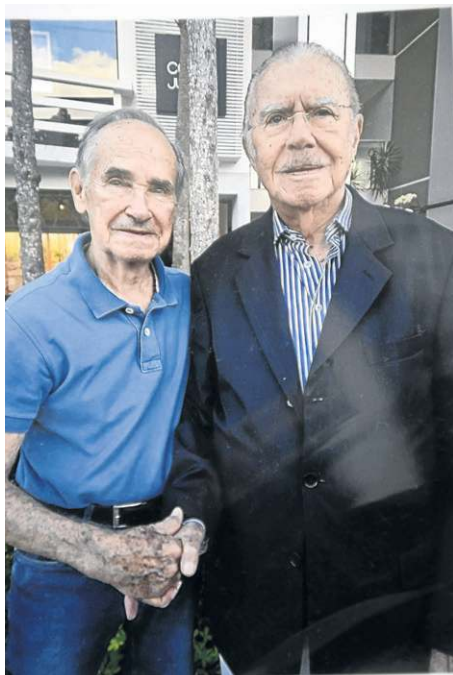
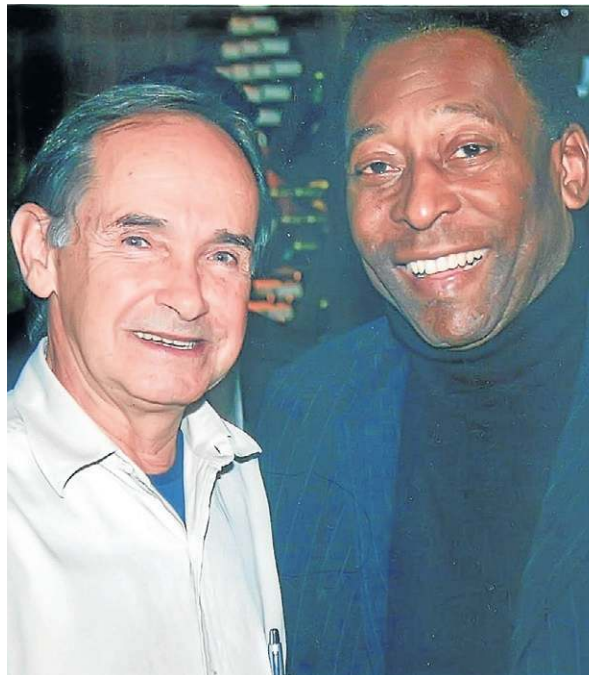




Oswaldinho com o ex-presidente José Sarney



Com o amigo e dono da trattoria da Rosário



No acervo pessoal: foto com Pelé



O pai, Ernani Rocha (primeiro à esquerda), em evento com JK



Fotógrafo de celebridades: Adriane Galesteu

ção dos Servidores, eleito pelos colegas. Em 1975, concluiu a licenciatura em pedagogia na UnB. Aposentou-se como professor da Fundação Educacional.

Em nenhum momento parou de fotografar.

E uma coisa puxou a outra. Representou na capital as agências de modelos Ford Models, Mega e Elite e, por três décadas, indicou a candidata do Distrito Federal ao Miss Brasil. Editou o *Moda e Turismo*, o *Mundo VIP*, o *Mundo Jovem* e o *Mundo do Turismo* — jornais que precisavam justamente do que ele tinha: fotografia.

De casaca

Oswaldinho ainda foi ator. Subiu cinco vezes ao palco. Na peça sobre a história do cinema, coube-lhe um papel óbvio. “Eu representei o Fred Astaire, porque o

meu apelido era Pé de Valsa.” Depois foi Noel Rosa, dessa vez como protagonista.

A última encenação foi o baile de inauguração de Brasília. Ernesto Silva, um dos nomes da construção da capital, emprestou-lhe a casaca. Oswaldinho vestiu-a e dançou com uma neta de Juscelino Kubitschek. Ele havia chegado à cidade dormindo em cama de armar, num barraco de madeira. Décadas depois, voltou àquele mesmo abril — de casaca, no palco.

“Quase me bateu”

Certa vez, Oswaldinho reconheceu um empresário que tinha fotografado tempos antes, num jantar com a mulher. Foi até o carro, revirou o arquivo, achou a imagem e ofereceu-a de presente, exultante. Um problema: a acompanhante daquela noite era outra.

“O cara quase me bateu”, conta. Aconteceu mais de uma vez.

O acervo está em quatro HDs de 1 terabyte, em centenas de CDs e em negativos guardados em envelopes. Dois quartos da casa estão abarrotados de jornais, revistas e fotografias. “É coisa demais”, resume. Um dos HDs caiu no chão e quebrou: das 2 mil fotos que sumiram, ele recuperou metade. Os negativos, esses, estão todos lá.

Nesse arquivo estão os presidentes Figueiredo, Sarney, Collor e Itamar. Presidentes do Supremo Tribunal Federal (STF), ministros, senadores, embaixadores. Pelé, Nelson Piquet, Gustavo Kuerten.

Nenhuma instituição guarda esse material. Não está no Arquivo Público do Distrito Federal nem em museu nenhum. Está em dois quartos, em quatro HDs — um deles quebrado — e espalhado por um carro. O índi-

ce de tudo isso fica num lugar só: a cabeça dele.

Perguntado sobre o destino do arquivo, ele responde rápido: vai deixar para os irmãos mais novos.

Toda noite

Oswaldinho sai de casa com a máquina e faz uma ronda pelos restaurantes. “Você deve sair de casa todo dia, principalmente à noite, e correr pela cidade”, diz. “Muita coisa acontece. Você vai encontrar pessoas interessantes. Não pode perder essas oportunidades.”

Ele não passa a noite acordado por insônia. Passa acordado porque está trabalhando.

Na Trattoria, onde é presença diária há mais de 20 anos, ele explica a escolha. “Falo com o ministro do Supremo, com o presidente da Câmara e com o presidente do

Senado. As grandes figuras da República passam por ali.”

O chef Rosario Tessier, amigo dele há mais de 30 anos, ri quando perguntam sobre Oswaldinho: “É gente boa com todo mundo. Conhece todo mundo, brinca até com o feirante. Vem todo dia.” Rosario manda servir o que o amigo quiser. Às vezes, Oswaldinho leva a vasilha de casa para carregar a canja.

Quando ele falta, o restaurante liga. “Quando ele não passa um dia, dois dias, a gente dá uma ligada para ele”, diz o chef. “Tem cliente que quer saber dele.”

Depois vai embora e continua a ronda. As mensagens para esta reportagem chegaram entre 2h e 4h da manhã.

Fotografa quem encontra, manda revelar e entrega a imagem mais tarde, não raro acompanhada do recorte amarelado do jornal em que a pessoa saiu. Há quem pague pela lembrança. O filho de um antigo frequentador recebeu três fotos e mandou um Pix de R\$ 1 mil. Oswaldinho estranhou o valor e ligou para confirmar se estava certo. O homem explicou: era a última foto que tinha com a mãe viva, com a família inteira.

Fotografou gente que morreu um ou dois dias depois.

Sobre o próprio trabalho, não usa nenhuma palavra de peso. Não diz acervo, não diz obra, não diz memória. Diz foto. “Dar uma foto para o cara.”

Ele ainda fotografa? “Todo dia”, responde. “Toda hora.”

E tem trabalho na fila: quer publicar uma edição especial sobre os 66 anos de Brasília, com material que juntou e não usou. Tinha uma lista de pioneiros para homenagear, e a covid-19 chegou antes. “Muitos que eu queria entrevistar morreram”, diz.

Naquela Brasília de 1959, lembra ele, as pessoas chegavam dos quatro cantos do país com uma coisa em comum. “Vieram para a capital da esperança. A esperança de criar dias melhores, de criar família, de galgar socialmente, culturalmente.” Ninguém negava carona a ninguém.

Mais de seis décadas se passaram. O cerrado virou metrópole, a carona virou aplicativo, a coluna social virou rede social. E Oswaldinho continua saindo de casa toda noite, com a câmera no banco de trás, sem saber quem vai encontrar. “Não sei o que me espera pela frente”, diz. “Sempre tem tido grandes surpresas.”

Aos 21 anos, comprou uma máquina para entrar na festa. Aos 88, continua entrando.

***Estagiário sob a supervisão de Ana Sá**